

## Agricultura sustenta crescimento do PIB do agronegócio

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio brasileiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Esalq/USP, em parceria com a Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), registrou crescimento de 0,24% em abril e acumula alta de 1,55% nos quatro primeiros meses de 2016 frente ao mesmo período de 2015. Tanto no mês quanto no quadrimestre, o resultado positivo esteve atrelado ao desempenho da cadeia agrícola, que cresceu 0,37% em abril e 2,37% no acumulado do ano. Já o ramo pecuário apre-

sentou queda mensal de 0,04% no mês e recuou 0,22% de janeiro a abril de 2016 em relação ao mesmo período de 2015. – Figura 1.

Com relação aos segmentos, no ramo agrícola, o movimento foi de alta, com destaque para serviços, que cresceu 0,47% no mês, seguido por primário (0,44%), indústria (0,32%) e insumos (0,03%). No acumulado do período, os resultados dos segmentos mantiveram-se em alta. O segmento primário cresceu 2,87% nos quatro primeiros meses do ano, a indústria,

2,34%, serviços, 2,45%, e insumos, 1,05%.

Já no ramo pecuário, a queda acumulada nos quatro primeiros meses do ano (-0,22%) decorreu das baixas nos segmentos primário (-0,14%), industrial (-0,65%) e de serviços (-0,42%). O setor de insumos cresceu 0,26% (Figura 1). Especificamente em abril, indústria e serviços apresentaram desempenho negativo no ramo, de -0,32% e -0,15%, respectivamente, enquanto insumos e primário apresentaram alta, de 0,15% e 0,05%, para os segmentos na mesma ordem.

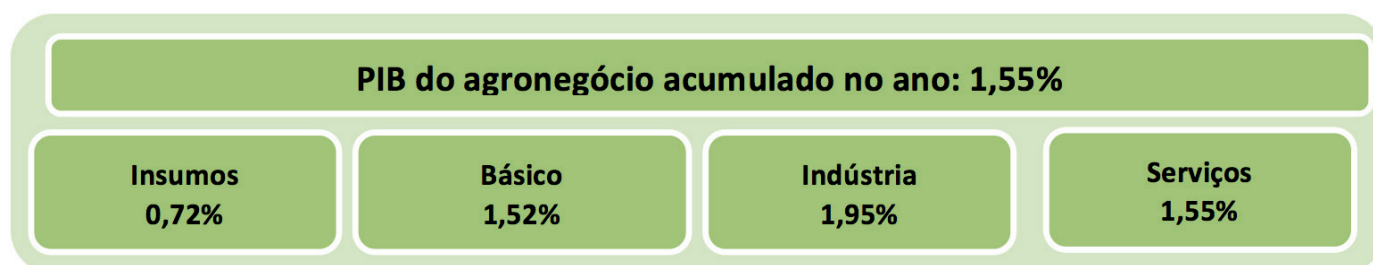


Figura 1 – Taxa de crescimento do PIB do agronegócio: janeiro a abril/2016 em relação a janeiro a abril/2015  
Fonte: Cepea/USP e CNA.

## Insumos mantêm desempenho modesto

O segmento de insumos agropecuários apresentou leve alta de 0,08% em abril, acumulando aumento de 0,72% no quadrimestre, variações mais modestas em relação aos outros segmentos que compõem o agronegócio, como se pode observar na Figura 1.

Entre as indústrias acompanhadas neste segmento, a expectativa para fertilizantes e adubos é de redução anual de 9,72%

no faturamento, por conta da produção 5,88% menor no ano e da baixa de 4,08% dos preços (na comparação entre quadrimestres) – Figura 2. Segundo a equipe Custos Agrícolas/Cepea, a desvalorização do dólar entre março e abril e a oferta mundial acima da demanda vêm provocando recuo nos preços de fertilizantes e adubos. Por outro lado, com a queda das cotações, observa-se no mercado tendência de aumento das negociações por par-

te dos produtores brasileiros.

Quanto à indústria de rações, estima-se elevação de 7,31% no faturamento anual de 2016, resultado de produção e preços em alta, com taxas de 2,90% e 4,28%, respectivamente. Para a indústria de combustíveis e lubrificantes, estima-se recuo anual de 12,72%, diante de preços 8,7% menores e de queda de 4,4% na produção, conforme a Figura 2.

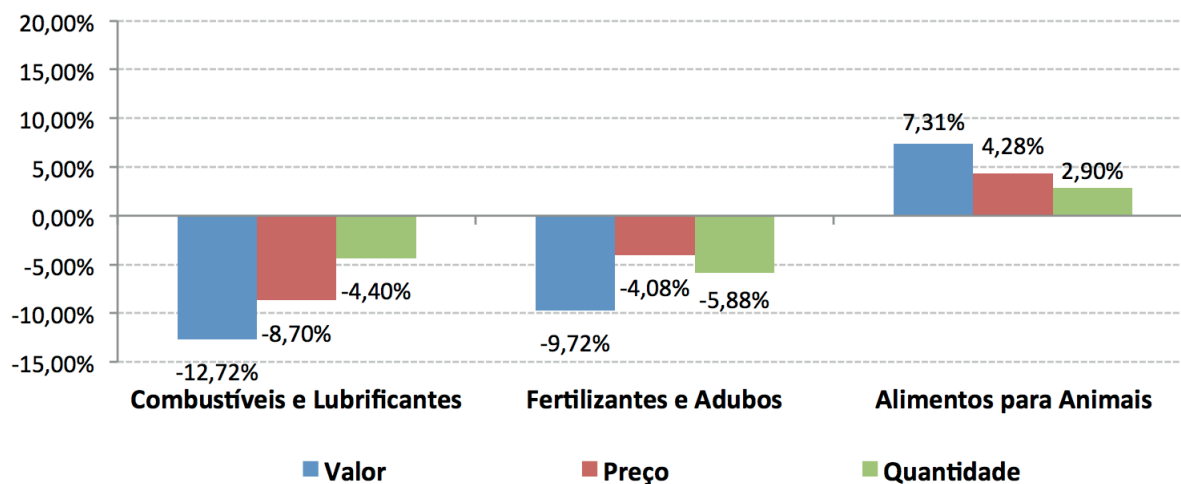


Figura 2 – Insumos: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a abril/2016 em relação a janeiro a abril/2015)  
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV, ANDA e Sindicatos).

## Segmento primário: preços em alta impulsionam agricultura

O segmento primário do agronegócio mantém a expectativa de crescimento, acumulando elevação de 1,52% no primeiro quadrimestre de 2016 e alta de 0,27% no mês. Neste segmento o destaque ficou com a agricultura que, impulsionada pelos preços em alta, acumulou crescimento de 2,87% na comparação entre janeiro a abril de 2016 com o mesmo período de 2015.

No agregado, o resultado para o segmento primário da agricultura foi influenciado pela alta nas cotações reais médias (12,45%) e pela expectativa de produção em queda (2,70%, na média das atividades).

O comportamento das culturas acompanhadas – com base nas estimativas anuais de safra e na relação entre os preços no período corrente e no mesmo período de 2015 – é apresentado na Figura 3. Com base nas informações publicadas até o fechamento deste relatório, espera-se crescimento no faturamento anual das seguintes lavouras: algodão (9,12%), banana (13,71%), batata (9,60), cacau (21,93%), café (10,03%), cana-de-açúcar (8,97%), cebola (25,20%), feijão (1,23%), laranja (14,92%), mandioca (44,25%), milho (30,46%), soja (6,80%) e trigo (18,84%).

No caso do algodão, o bom resultado é reflexo dos maiores preços para o produto em 2016, com aumento de 20,88% em relação aos quatro primeiros meses de 2015. Segundo pesquisadores da equipe Algodão/Cepea, em abril, as cotações do algodão em pluma foram impulsionadas pela baixa disponibilidade interna e pela

firme demanda. Na quantidade produzida, a queda anual estimada de 9,73% deve-se à combinação de menor produtividade e redução da área plantada de algodão no País, de acordo com dados da Conab.

Para o café, o crescimento esperado no faturamento reflete a previsão de elevação em 14,88% da produção anual, já que os preços recuaram 4,22% (na comparação entre janeiro a abril de 2016 e o mesmo período de 2015). Segundo a Conab, a elevação esperada da produção decorre de aumento na área de cultivo e das condições climáticas mais favoráveis em um ano de bionalidade positiva para o arábica (que representa 76,8% da produção nacional). Com relação aos preços, em abril houve queda no valor médio do café arábica. Com isso, os produtores se retraíram, insatisfeitos com o patamar de preços e atentos às fortes oscilações dos valores externos, segundo a equipe Café/Cepea.

No caso da cana-de-açúcar, a elevação no faturamento advém da estimativa de crescimento de quantidade produzida para o ano (3,82%) e do aumento real dos preços (4,97%). De acordo com a Conab, o aumento da produção esperada para a safra 2016/2017 deverá ser resultado da alta incidência de cana bisada da temporada 2015/2016 e do aumento de área própria de algumas unidades de produção. Segundo a Conab, a área colhida deverá ser de 9,07 milhões de hectares e a produtividade foi estimada em 76.152 kg/ha.

Para a laranja, o aumento no faturamento decorre de maiores preços (18,14%), dian-

te de uma expectativa de redução da produção do ano (-2,73%). Segundo a equipe Hortifruti/Cepea, os preços mais atrativos da safra 2016/2017 vêm aliviando o fluxo de caixa do citricultor, que passou por cinco temporadas seguidas de baixos valores. No entanto, a equipe ressalta que essa alta não é garantia de permanência na cultura para uma parcela de citricultores, pois, além do endividamento devido à recente crise, nos últimos anos, houve elevação nos custos de produção e aumento da incidência de doenças. Estes, entre outros fatores, têm pressionado a produtividade nos pomares. Vale ressaltar que a assimetria de condições oferecidas pela indústria aos diferentes grupos de produtores, com evidente desvantagem para os de menor porte, acaba por acelerar o processo de descontentamento com a atividade.

Para a cultura da soja, a expectativa de elevação do faturamento ocorre devido aos maiores preços (7,47%), uma vez que se estima leve queda na quantidade produzida (-0,62%). De acordo com a Equipe Grãos/Cepea, em abril, os preços da soja subiram, impulsionados pela retração de vendedores e pelas firmes demandas interna e externa. Destaca-se que 2016 começou com alta nas cotações da soja, mas os preços caíram de meados de janeiro a meados de abril, devido à confirmação de produção recorde. A recuperação dos preços veio a ocorrer somente na segunda quinzena de abril, segundo a Equipe.

Quanto ao milho, o maior faturamento esperado se justifica pela forte elevação dos preços (44,93%). Já para a quantidade pro-

duzida, prevê-se recuo de 9,98%. Segundo a equipe Grãos/Cepea, em abril, apesar do retorno das chuvas em muitas regiões produtoras na segunda quinzena do mês, foi pequeno o alívio às lavouras e a situação ainda era considerada crítica. De acordo com a equipe, alguns produtores consideraram até dessecar parte das lavouras e/ou eliminar talhões de forma mecânica, antes mesmo da formação de grão, pois não havia expectativa de produtividade que compensasse a colheita. Nesse cenário de incertezas, o ritmo de negociação tanto do grão disponível quanto para entrega futura diminuiu e os preços registraram altas.

Os produtos para os quais se espera redução no faturamento anual, consideradas informações até o fechamento deste relatório, são: arroz (14,40%), fumo (23,35%), tomate (22,42%) e uva (14,91%) – Figura 3.

A redução de faturamento para o arroz é resultado principalmente da queda na produção, estimada em 14,30%, acompanhada de redução de 0,11% nos preços, em comparação com os quatro primeiros meses do ano de 2015. Segundo a Conab, a queda na produção está atrelada à redução da área plantada, em quase todos os estados produtores, e ao excesso de chuvas, que resultou em plantio fora da janela ideal, refletindo em queda de produtividade na região Sul. Segundo a equipe Arroz/Cepea, produtores esperam menor rentabilidade na safra, dado os elevados custos de produção, a quebra de safra e a queda da qualidade do produto.

Em relação ao tomate, a colheita da safra de inverno se intensificou em abril, levando à queda nos preços do fruto, segundo a equipe Hortifruti/Cepea. Na com-

paração do primeiro quadrimestre com o mesmo período de 2015, registra-se baixa de 8,01% nas cotações. Ainda de acordo com a equipe, em abril, houve elevada incidência de mosca minadora nas principais regiões ofertantes, como nas lavouras de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Agreste Pernambucano, Bahia e Sul do País. Nessas regiões, a produtividade foi afetada e os custos se elevaram significativamente por conta da alta dosagem de defensivos. Para o ano, estima-se queda de 15,67% na quantidade produzida.

Na Figura 3, são apresentadas as variações de volume estimadas para o ano, de preços reais (na comparação entre períodos) e de faturamento real das atividades primárias da agricultura.

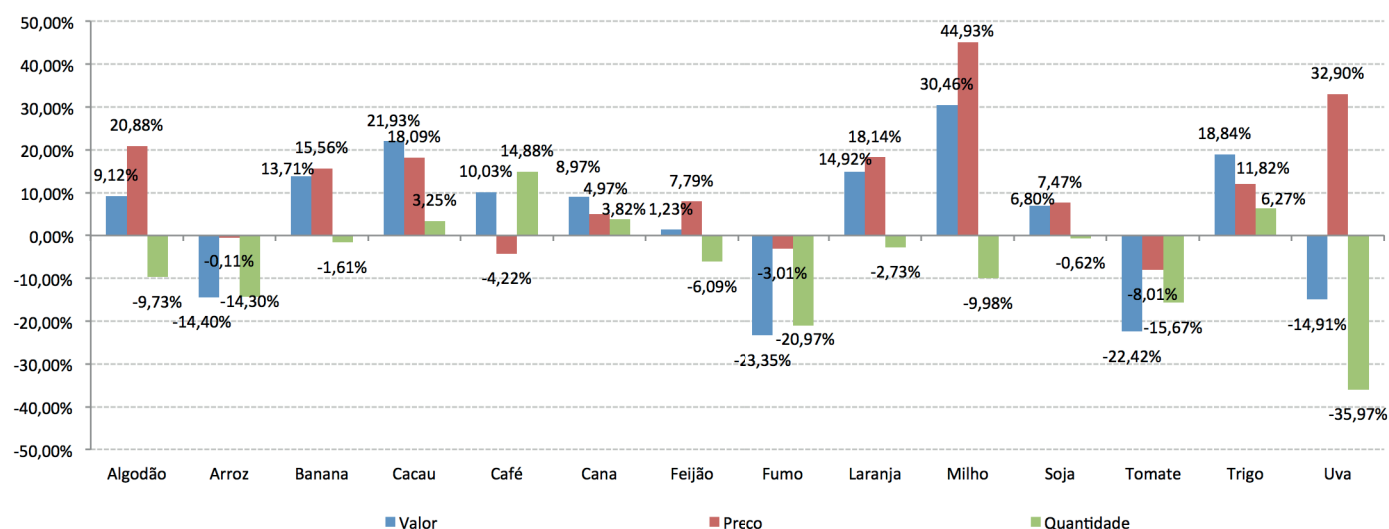


Figura 3 – Agricultura: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a abril/2016 em comparação a janeiro a abril/2015)

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

Itens	Algodão	Arroz	Banana	Cacau	Café	Cana	Feijão	Fumo	Laranja	Mandioca	Milho	Soja	Tomate	Trigo	Uva
Valor	9,12	-14,40	13,71	21,93	10,03	8,97	1,23	-23,35	14,92	44,25	30,46	6,80	-22,42	18,84	-14,91
Preço	20,88	-0,11	15,56	18,09	-4,22	4,97	7,79	-3,01	18,14	46,63	44,93	7,47	-8,01	11,82	32,90
Quantidade	-9,73	-14,30	-1,61	3,25	14,88	3,82	-6,09	-20,97	-2,73	-1,62	-9,98	-0,62	-15,67	6,27	-35,97

Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, Conab, IEA/SP, FGV, Cepea, Seagri/BA, UDOP).

No segmento primário da pecuária, houve crescimento de 0,05% em abril, mas ainda com queda acumulada de 0,14% no ano. O preço médio ponderado cresceu 0,70% para o segmento na comparação entre períodos. Já com relação à produção, estima-se baixa média de 1,10%.

Para a bovinocultura de corte, a queda nos preços foi equivalente a 4,64% - na comparação entre janeiro a abril deste

ano e o mesmo período de 2015. Segundo a equipe Boi/Cepea, em abril, as principais regiões produtoras tiveram suas pastagens comprometidas pelo clima (altas temperaturas e dias secos). Com isso, verificou-se aumento da oferta de animais, como forma de aliviar as pastagens e evitar que os animais perdessem peso, o que exerceu pressão sobre as cotações. Na produção, estima-se queda de 5,11% neste ano - os pecuaristas consultados

pela equipe Boi/Cepea vêm alegando dificuldades na reposição.

Na avicultura de corte, os preços apresentaram alta de 5,40% na comparação entre quadrimestres e, para a quantidade produzida, estima-se aumento de 3,60%. Apesar da relação de alta para os preços, especificamente em abril houve recuo. Segundo a equipe Frango/Cepea, as baixas no animal vivo estão atreladas à

fraca venda da carne. Vale frisar que, de acordo com a equipe, o poder de compra do avicultor melhorou em abril. Isso porque, mesmo com as reduções de preço, a desvalorização do milho e do farelo de soja foi maior no período. Na avicultura de postura, os preços em 2016 estão em patamar 11,07% superior ao registrado no primeiro quadrimestre de 2015, em termos reais. Na quantidade produzida, prevê-se elevação de 2,3%.

Já na suinocultura, houve forte baixa dos preços na comparação entre quadrimesses

(de 2016 e de 2015), de 14,96%. Segundo a equipe Suínos/Cepea, os preços reagiram em abril, motivados pelo aumento do consumo em dias frios e pela diminuição da oferta no mercado interno, devido à alta da demanda para exportação. Para o ano, estima-se elevação de 10,46% na quantidade produzida.

Na atividade leiteira, os preços elevaram-se em 7,65% na comparação entre períodos. Porém, a produção reduziu 4,48% na mesma comparação. Segundo a equipe Leite/Cepea, o mês de abril apresentou a

maior alta mensal nos preços dos últimos seis anos, em decorrência da menor oferta e da recuperação dos preços frente ao ano anterior. A decisão de produtores em migrar da pecuária leiteira para a de corte e os elevados custos enfrentados pelos produtores estão influenciando a menor captação do leite.

Na Figura 4, estão as variações dos preços reais, dos volumes produzidos e do faturamento das atividades da pecuária em 2016, no comparativo com 2015.

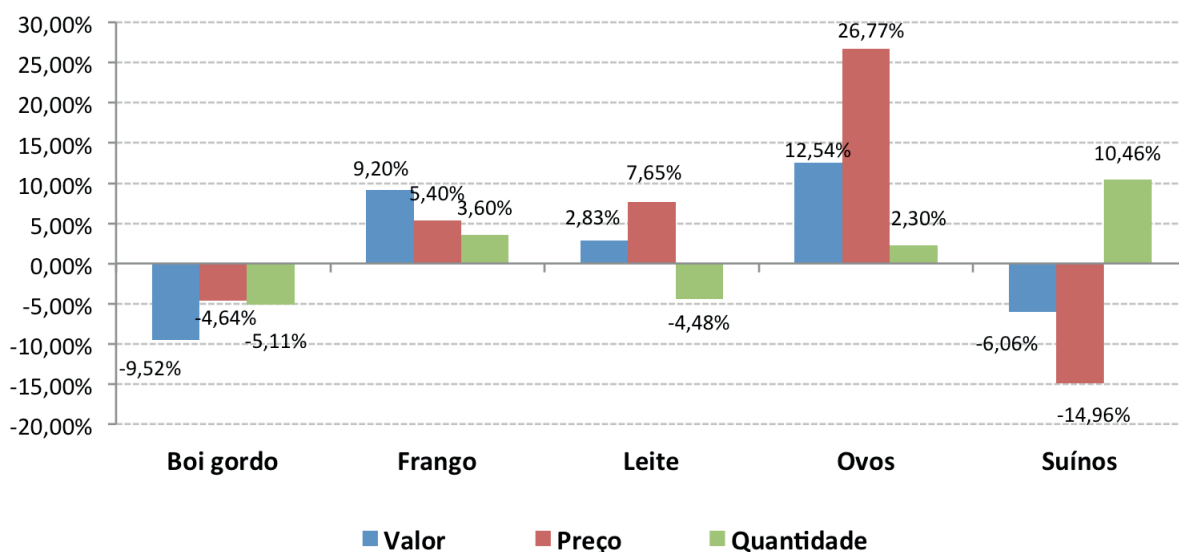


Figura 4 – Pecuária: Variação anual do volume, dos preços e do faturamento (janeiro a abril/2016 em comparação a janeiro a abril/2015)  
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do Cepea e do IBGE).

## Processamento vegetal em alta no primeiro quadrimestre

A agroindústria nacional cresceu 0,24% em abril, acumulando alta de 1,95% no primeiro quadrimestre (Figura 1). Este movimento é explicado por variações positivas no processamento vegetal e quedas para o processamento animal, tanto no mês quanto no acumulado deste ano.

No caso da indústria de base agrícola, o resultado positivo no período avaliado decorre principalmente da alta de preços – elevação real média de 8,26% –, tendo em vista o recuo na produção média, de 0,59%. No primeiro quadrimestre do ano, tiveram aumento no faturamento: celulose e papel (2,45%), elementos químicos (6,15%), café (0,29%), beneficiamento de produtos vegetais (3,36%), açúcar (10,76%), óleos vegetais (4,46%) e outros alimentos (0,55%) – Tabela 2.

Para a agroindústria de celulose e papel, a elevação de 5,17% dos preços, na comparação entre quadrimestres, foi o principal impulso ao faturamento. Para o ano, estima-se aumento de 1,61% na produção (Figura 5). As cotações dos produtos desta indústria têm se beneficiado com o Real desvalorizado frente ao dólar (em relação ao mesmo período de 2015), pelo fato de o foco principal desta atividade ser o mercado internacional.

No mercado de etanol, a produção estimada para o ano segue com redução de 0,40%. Já as cotações apresentam forte elevação acumulada de janeiro a abril, frente ao mesmo período de 2015, de 20,08%. Segundo a equipe Etanol/Cepea, especificamente para abril, devido ao clima seco e favorável para a moagem de

cana-de-açúcar, as usinas moeram mais que o dobro em comparação com o mesmo mês do ano passado, apesar da queda esperada na produção anual, segundo estimativas da Conab. Tal fato resultou em recuo nos preços do etanol anidro e hidratado ao longo do mês.

Na indústria açucareira, o bom resultado refletiu o aumento de 21,32% dos preços e a expectativa de elevação da produção em 12,01%. Segundo a equipe Açúcar/Cepea, a vantagem do açúcar em relação ao etanol atingiu recorde neste ano, tendo o açúcar cristal remunerado 65% a mais que o etanol anidro e 78% mais que o etanol hidratado.

Para as demais indústrias de base agrícola, houve retração acumulada no período

do: madeira e mobiliário (-5,43%), têxtil (-5,84%) e vestuário (-4,99%) – Tabela 2. O desempenho negativo nessas indústrias relaciona-se a quedas estimadas para a produção, decorrentes principalmente de

ajuste em relação à redução da demanda interna, devido à crise econômica do país.

Na Figura 5, são apresentadas as variações de volume, preços reais e de faturamento

das principais agroindústrias em 2016, na comparação com o mesmo período do ano anterior.

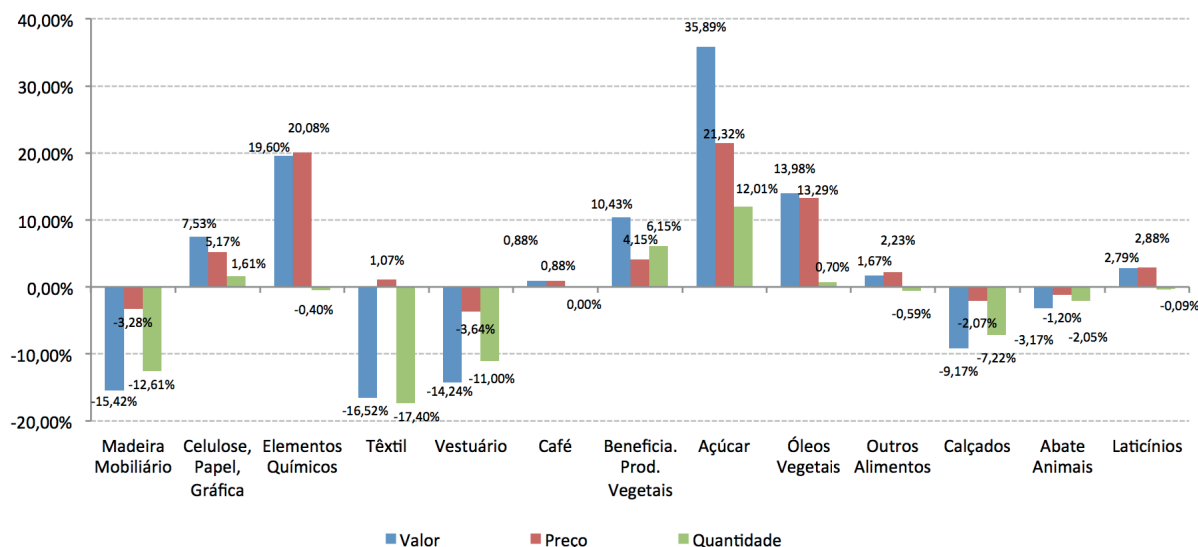


Figura 5 – Agroindústrias: variação anual do volume, preços e faturamento (janeiro a abril/2016 em relação a janeiro a abril/2015)  
Fonte: Cepea/USP e CNA (elaborado a partir de dados do IBGE, FGV e Cepea).

No caso do segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios cresceu no quadrimestre (0,92%). Já as indústrias de abate de animais e de calçados apresentaram retração de 1,07% e de 3,16%, respectivamente (Tabela 2).

No caso dos lácteos, espera-se redução de 0,09% na produção em 2016. Para os preços, registra-se aumento real de 2,88% na comparação com os quatro primeiros meses de 2015. Segundo a equipe Leite/Cepea, com a menor produção de leite no campo, os preços dos derivados lácteos

seguiram em alta em abril. Para a equipe, as sucessivas altas nos preços têm afastado o consumidor final, que já começa a ter dificuldades em absorver o atual patamar.

Na indústria do abate, a queda acumulada é resultado tanto de baixa nos preços (-1,2% na comparação entre quadrimestres) quanto na produção (-2,05%, estimativa anual). Segundo pesquisadores do Cepea, o enfraquecimento da demanda interna tem pressionado as cotações, notadamente de bovinos e suínos. Já a carne de frango, por outro lado, tem se

mostrado competitiva em virtude do efeito de substituição. A quantidade de carne exportada (bovinos, suínos e aves) tem sido destaque, com grande crescimento em quantidade em relação ao ano anterior, catalisado pelo alto patamar do dólar frente ao Real.

Para a indústria de couro e calçados, houve redução de 7,22% a.a. na quantidade produzida e de 2,07% nos preços, na comparação entre os quatro primeiros meses do ano de 2016 com o mesmo período do ano anterior.

## Serviços crescem em 2016

O segmento de serviços do agronegócio, que compreende todos os serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários/agroindustriais, apresentou crescimento de 0,28% em abril, acumulando alta de 1,55% no quadrimestre. Tanto no mês quanto no quadrimestre, o segmento foi impulsionado pelo ramo agrícola, visto que o ramo pecuário apresentou queda no mês. Em abril, para os serviços voltados à agricultura houve alta de 0,47% e, no quadrimestre, a alta foi de 2,45%. Já no ramo pecuário, houve queda de 0,15% no mês e de 0,42% no quadrimestre (Figura 1).

## Conclusões

O cenário macroeconômico segue desfavorável, confirmando-se as expectativas de contração da economia brasileira para 2016. Conforme dados divulgados pelo IBGE, relativos ao primeiro trimestre do ano, o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro apresentou recuo de 0,3% em

relação ao trimestre anterior. Na comparação com o primeiro trimestre de 2015, a queda é de 5,4%. A taxa de desocupação, conforme dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD-Contínua), no trimestre móvel encerrado em abril, foi estimada

em 11,2%, 3,2 pontos percentuais acima da aferida no trimestre móvel encerrado em abril do ano passado. O consumo das famílias tem recuado e a Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF) decresceu 2,7% em relação ao trimestre imediatamente anterior e 17,5% frente ao primeiro

trimestre de 2015. Como agravante, o atual ambiente de indefinição e a limitada ação política vêm influenciando a configuração deste contexto. Posto isso, verifica-se que a demanda interna segue pressionada, o que gera impacto, principalmente, sobre as cadeias produtivas do agronegócio mais dependentes do consumo interno.

De modo agregado, o PIB do agronegócio brasileiro acumulou alta de 1,55% no primeiro quadrimestre do ano. O destaque foi o ramo agrícola, que cresceu 2,37% no período frente à queda do ramo pecuário (-0,22%). O movimento de alta no segmento agrícola atrelou-

-se ao maior patamar de preços, notadamente do segmento primário (alta de 12,45% na média ponderada do segmento). Destacam-se altas expressivas para o milho e algodão.

Na pecuária pecuário, o movimento foi de baixa entre os segmentos com relação aos resultados acumulados no quadrimestre, com exceção do segmento de insumos, que apresentou pequena elevação motivada pelo crescimento da atividade de alimentação animal, tanto em preço quanto em quantidade.

Agroindústria e serviços também mostraram desempenho contrário com rela-

ção aos segmentos nos ramos agrícola e pecuário. No caso da indústria de base agrícola, que teve desempenho positivo, destacaram-se as altas em celulose e papel, açúcar, etanol, beneficiamento de produtos vegetais, açúcar e óleos vegetais. Em contrapartida, houve forte recuo da produção nas indústrias de madeira e mobiliário e têxtil-vestuarista, mais voltadas ao mercado interno. Já no segmento industrial da pecuária, apenas a indústria de laticínios cresceu ligeiramente no acumulado do quadrimestre, com as indústrias de abate e de calçados acumulando perdas. 🌱

Tabela 1 - Variação do PIB do agronegócio nacional (%)

2016/2015	AGROPECUÁRIA				
	Insumos	Primário <sup>(A)</sup>	Indústria	Serviços	Agronegócio Global <sup>(B)</sup>
Abril	-0,18	-0,28	-0,10	-0,08	-0,16
Maio	-0,12	-0,22	-0,04	-0,09	-0,12
Junho	-0,04	-0,31	-0,11	-0,09	-0,15
Julho	0,59	0,16	-0,19	-0,02	0,06
Agosto	0,26	0,22	-0,22	-0,09	0,01
Setembro	0,25	0,25	-0,40	-0,18	-0,06
Outubro	0,02	0,07	0,26	-0,03	0,09
Novembro	0,43	0,37	0,72	0,54	0,52
Dezembro	0,36	0,56	0,09	0,12	0,27
Janeiro	0,28	0,52	0,34	0,30	0,38
Fevereiro	0,40	0,61	0,88	0,78	0,71
Março	-0,04	0,12	0,47	0,19	0,22
Abril	0,08	0,27	0,24	0,28	0,24
<b>Acum. no Período (2016)</b>	<b>0,72</b>	<b>1,52</b>	<b>1,95</b>	<b>1,55</b>	<b>1,55</b>

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços. | Fonte: CEPEA-USP e CNA

2016/2015	AGRICULTURA				
	Insumos	Primário <sup>(A)</sup>	Indústria	Serviços	Agronegócio Global <sup>(B)</sup>
Abril	-0,33	-0,54	-0,10	-0,14	-0,24
Maio	-0,15	-0,38	0,05	-0,02	-0,09
Junho	0,18	0,00	-0,12	0,02	-0,02
Julho	0,48	0,39	-0,19	0,04	0,08
Agosto	0,46	0,43	-0,27	-0,16	0,00
Setembro	0,60	0,80	-0,42	-0,12	0,06
Outubro	0,53	0,68	0,33	0,15	0,38
Novembro	0,88	1,00	0,84	0,88	0,90
Dezembro	0,69	1,12	0,10	0,19	0,43
Janeiro	0,62	1,22	0,43	0,56	0,68
Fevereiro	0,47	0,87	1,01	1,06	0,93
Março	-0,07	0,32	0,56	0,33	0,37
Abril	0,03	0,44	0,32	0,47	0,37
<b>Acum. no Período (2016)</b>	<b>1,05</b>	<b>2,87</b>	<b>2,34</b>	<b>2,45</b>	<b>2,37</b>

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços. | Fonte: CEPEA-USP e CNA



2016/2015	PECUÁRIA				
	Insumos	Primário <sup>(A)</sup>	Indústria	Serviços	Agronegócio Global <sup>(B)</sup>
Abril	0,02	0,02	-0,10	0,03	0,01
Maio	-0,08	-0,03	-0,60	-0,23	-0,16
Junho	-0,34	-0,67	-0,02	-0,32	-0,43
Julho	0,73	-0,10	-0,21	-0,16	0,00
Agosto	0,00	-0,03	0,11	0,08	0,03
Setembro	-0,22	-0,40	-0,26	-0,29	-0,32
Outubro	-0,69	-0,66	-0,17	-0,42	-0,53
Novembro	-0,20	-0,39	-0,04	-0,20	-0,26
Dezembro	-0,10	-0,12	0,01	-0,02	-0,07
Janeiro	-0,20	-0,33	-0,23	-0,29	-0,29
Fevereiro	0,29	0,28	0,02	0,15	0,21
Março	0,02	-0,14	-0,12	-0,13	-0,11
Abril	0,15	0,05	-0,32	-0,15	-0,04
<b>Acum. no Período (2016)</b>	<b>0,26</b>	<b>-0,14</b>	<b>-0,65</b>	<b>-0,42</b>	<b>-0,22</b>

Obs.: (A) Envolve as atividades primárias: “dentro da porteira”; (B) Engloba os quatro segmentos: insumos, primário, indústria e Serviços. | Fonte: CEPEA-USP e CNA

Tabela 2 - Variações Mensais e Acumulada no ano (%) da Agroindústria 2016

2016/2015	INDÚSTRIA					
	Madeira e Mobiliário	Celulose, Papel e Gráfica	Elementos Químicos	Têxtil	Vestuário	Café
Abril	0,01	0,47	-0,77	-0,33	-0,76	1,50
Maio	-0,12	0,58	-0,22	-0,90	-0,98	0,29
Junho	0,06	0,73	-1,57	-0,60	-0,05	0,17
Julho	-0,70	0,52	-0,90	-1,48	-1,20	-0,06
Agosto	-0,57	0,82	-0,26	-1,78	-0,81	0,00
Setembro	-1,63	0,78	-0,48	-2,59	-2,03	0,05
Outubro	-2,13	1,02	2,73	-2,50	-1,74	0,24
Novembro	-1,97	0,44	2,45	-2,33	-1,68	0,28
Dezembro	-2,35	0,73	2,03	-1,76	-2,69	0,31
Janeiro	-1,26	0,61	1,67	-1,32	-1,40	0,06
Fevereiro	-1,21	0,84	1,61	-1,39	-1,22	-0,11
Março	-1,54	0,67	2,46	-1,68	-1,30	0,13
Abril	-1,54	0,31	0,28	-1,58	-1,17	0,21
<b>Acum. no Período (2016)</b>	<b>-5,43</b>	<b>2,45</b>	<b>6,15</b>	<b>-5,84</b>	<b>-4,99</b>	<b>0,29</b>

2016/2015	INDÚSTRIA						
	Beneficiamento de Produtos Vegetais	Açúcar	Óleos Vegetais	Outros Alimentos	Calçados	Abate de Animais	Laticínios
<b>Abril</b>	-0,12	1,09	-0,07	-0,02	0,18	0,51	-1,39
<b>Mai</b>	0,66	0,43	1,13	-0,23	-0,27	0,10	-2,12
<b>Junho</b>	1,04	0,04	0,25	0,17	-0,33	0,35	-0,69
<b>Julho</b>	1,15	0,07	0,56	-0,29	-0,34	-0,24	-0,10
<b>Agosto</b>	-2,07	0,97	1,05	-0,01	-0,98	0,46	-0,30
<b>Setembro</b>	-1,69	1,08	1,92	-0,20	-1,65	0,08	-0,56
<b>Outubro</b>	-1,07	-5,66	2,25	-0,01	-1,75	-0,16	0,29
<b>Novembro</b>	2,01	0,75	0,99	0,41	-1,31	0,10	0,02
<b>Dezembro</b>	-2,01	1,39	1,07	-0,34	-1,79	0,25	0,02
<b>Janeiro</b>	-0,71	3,12	1,65	-0,05	-0,89	-0,28	0,05
<b>Fevereiro</b>	3,64	2,88	1,49	0,16	-0,67	-0,05	0,36
<b>Março</b>	-1,19	2,00	0,50	0,15	-0,91	-0,17	0,20
<b>Abril</b>	1,66	2,35	0,75	0,29	-0,72	-0,57	0,32
<b>Acum. no Período (2016)</b>	3,36	10,76	4,46	0,55	-3,16	-1,07	0,92

Fonte: CEPEA-USP e CNA